

## Entendendo I Coríntios 11.17-34

### ***“Isto é o meu Corpo” – “Isto é o Meu Sangue”***

A descrição da Ceia do Senhor encontra-se, nas Sagradas Escrituras, em quatro autores diferentes: Mateus (26.17-29), Marcos (14.12-26), Lucas (22.7-23) e Paulo (I Coríntios 11.17-34).

O texto clássico sobre a Ceia do Senhor, porém, **é o de I Coríntios 11.17-34**, no qual o apóstolo Paulo, diferentemente dos demais escritores inspirados, não apenas descreve a instituição do memorial pelo Senhor, mas encaixa o evento na situação real da Igreja de Cristo e adorna-o de comentários doutrinários.

Assim, afigurasse-nos necessário, neste estudo, fazer uma breve análise do texto de I Coríntios 11.17-34 (juntamente com outras duas porções das Escrituras, ambas em I Coríntios, ambas importantes para a compreensão desse texto clássico, uma anterior a ele, 10.14-17, e a outra, posterior, 12.12-13,27, dentro do seu contexto imediato), dissecando-lhes aqueles pontos mais distorcidos por alguns seguimentos evangélicos por causa da má interpretação. Cumpre-nos, igualmente, analisar também o texto de João 6.33-58,63, que, embora não se refira à Ceia do Senhor, tem sido alvo de distorções semelhantes.

Observe-se a expressão ***“comer ... beber indignamente”***. ***“Indignamente”*** é *advérbio de modo*. Desempenha a função sintática de *adjunto adverbial* e não de *predicativo do sujeito*, um qualificativo. Indica a maneira como alguma coisa é feita. Comer indignamente não é ***comer*** (estando) ***indigno*** (predicativo), mas é comer (agindo) de ***maneira indigna*** (adjunto adverbial). ***“Indignamente”*** refere-se a atos, a atitudes, e não a pessoas ou coisas. Uma pessoa pode ser considerada ***“digna”*** (adjetivo) mas, ainda assim, em determinada circunstância, agir ***“indignamente”*** (advérbio de modo). Da mesma forma uma pessoa ***“indigna”*** pode agir ***“dignamente”***.

E é interessante observar que as pessoas que se consideram indignas são geralmente as mais dignas. Por outro lado, as pessoas mais indignas são aquelas que mais se consideram dignas. Os crentes mais consagrados realmente ao Senhor são, invariavelmente, os que se reconhecem mais indignos da misericórdia de Deus e confessam que devem tudo a Sua graça. Já os religiosos fariseus são quase sempre arrogantes e se julgam os mais dignos entre os homens. A nossa indignidade diante de Deus é uma realidade irrefutável e nem podemos esquecer que foi Deus ***“que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz”*** (Colossenses 1.12).

O texto paulino não diz que os coríntios eram ***indignos*** ou se achavam indignos de participar da Ceia do Senhor mas que, ao reunirem-se para cear, estavam agindo ***“maneira indigna”***. A maneira indigna como eles agiam é que era indigna: além de haver dissensões entre eles, os mais abastados financeiramente levavam abundante

provisão de comida e bebida para fazer um verdadeiro banquete antes da Ceia do Senhor e, nessa lauta refeição, cada um comia e bebia o que levava, sem a necessária ordem e sem nenhuma consideração para com os irmãos mais pobres, que, nada tendo para levar, nada comiam e nada bebiam. Nessa desordem, era natural haver, na hora da Ceia do Senhor, pessoas sentindo-se humilhadas e desprezadas!

Era esse o problema dos crentes de Corinto. Tanto que o apóstolo recomenda-lhes que, quando eles se ajuntassem para comer, "**esperassem uns pelos outros**", e se alguém tivesse com fome, comesse em casa, a fim de não se reunirem para condenação(10. 33-34). O problema era de fácil solução, portanto. Por sinal, convém não esquecermos que '*banquete em igreja*' é quase sempre sinônimo de problema! Por isso é que indaga o apóstolo: "*Não tendes porventura casas para comer e para beber?*"(I Coríntios 11.22).

Em face da ***maneira indigna*** como se portavam os coríntios na celebração do ***memorial da nova aliança***, Paulo afirma que não é a Ceia do Senhor que eles comem, mas a ***ceia deles mesmos***. O apóstolo não faz nenhuma restrição ao cerimonial ou à liturgia da celebração empregados por eles. Qualquer que fosse o ritual por eles adotado era vazio com certeza! Não anunciava a morte do Senhor até que Ele venha! Faltava-lhes o "***serem um***". A união pelos laços do amor é que seria a grande mensagem, pois proclamaria ao mundo a transformação de vida neles operada pelo poder do Senhor ressuscitado: "***Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e eu em Ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste***"(João 17.21).

Comunhão é união, é identificação de ideias e propósitos, é companheirismo, é parceria. A comunhão do Corpo de Cristo é a integração dos crentes, unidos pelos laços do amor! Participar do mesmo pão (10.17) é sinal de comunhão (10.16). Aquele, pois, que se senta à mesa do Senhor (10.21) e, ao mesmo tempo, nega com seus atos a comunhão com os membros do Corpo de Cristo, não está "***discernindo o Corpo do Senhor***"(11.29) e, como consequência, está participando *indignamente* da comunhão desse corpo. Comer e beber indignamente é fazer como faziam os coríntios, que, dizendo participar do memorial da nova aliança no sangue de Jesus, maltratavam os crentes mais humildes, "***não discernindo o Corpo do Senhor***".

### **Discernindo o Corpo do Senhor**

"***Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte***"(I João 3.14). Todavia, entre os coríntios, havia dissensões, formavam-se partidos, fazia-se acepção de pessoas. Faltava-lhes o amor, "***que é o vínculo da perfeição***" (Colossenses 3.13), pois desprezavam e envergonhavam membros do Corpo de Cristo. Faltava-lhes discernimento para compreender que "***o corpo de Cristo***" são os crentes e não o ***pão da ceia***! Não discerniam o Corpo do Senhor, que somos todos quantos temos o

Espírito de Cristo (Romanos 8.9). É possível que devotassem grande respeito e veneração **aos elementos da ceia** (como muitos faz hoje em dia!), **mas Jesus não estava no pão e sim nos irmãos**, inclusive, e paradoxalmente, naqueles que estavam sendo desprezados e envergonhados. Discernir algo é identificá-lo, distingui-lo de outras coisas. Faltava-lhes discernir que o Corpo de Cristo "**é a Igreja**"(Colossenses 1.24).

Para Paulo, a expressão "**Corpo de Cristo**" designa sempre **a comunidade dos remidos** (Romanos 12.5; I Coríntios 12.12-27; Gálatas 3.27-29; Efésios 1.22-23; Colossenses 1.18-24; 3.15). Mesmo o pão da Ceia do Senhor, que representa o corpo físico de Cristo, o Cordeiro de Deus, imolado por nós na cruz, representa também a Igreja, que é o Corpo de Cristo(I Coríntios 10.17; Efésios 1.22-23).

Observe-se a identificação que o Senhor faz de Si mesmo com o Seu povo. É enfática demais para que possa passar despercebida a alguém: "*Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes*"(Mateus 25.40). Assim também, quando Saulo perseguia os discípulos do Senhor, este, no caminho de Damasco, indagou-lhe: "*Saulo, Saulo, por que Me persegues?*" (Atos 9.4).

O texto paulino não defende uma '*teologia sacramental*', onde os elementos da Ceia teriam *poderes sobrenaturais*, de modo que quem deles come em santidade receberia ricas bênçãos celestiais enquanto que quem deles come estando "**indigno**", isto é, estando em pecado (com alguma falha em sua vida), sofreria severo castigo.

Ora, o grande mistério de Deus, "*que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações*", não é Cristo no pão da ceia, mas é "**Cristo em vós(nós), esperança da glória**" (Colossenses 1.26-27). O pão representa o Corpo de Cristo, a Igreja é esse corpo. Um é um símbolo, o outro é a realidade!

### **Disciplinados Pelo Senhor**

O apóstolo Paulo explica que se o crente, quando errar, se julgar a si mesmo, vendo onde errou e procurando corrigir-se do erro, não será julgado pelo Senhor. Mas se o crente não se corrige a si mesmo, antes permanece no erro, o Senhor o disciplina, pois quando o Senhor julga o crente é para sua correção, porque o crente, por pertencer a Jesus, não pode ser condenado com o mundo (vv. 31-32). A falta de amor para com os irmãos, a falta de ordem na Igreja e a falta de autodisciplina por parte dos crentes estavam trazendo sobre eles a disciplina do Senhor.(I Coríntios 11.30).

A relação entre Deus e o pecador não convertido é uma relação entre o juiz e o réu. Não há comunhão, não há amor, não há disciplina. Mas, quando o pecador se converte ao Senhor, a sua relação com Deus passa a ser uma relação entre Pai e filho. Uma relação em que há comunhão, amor e disciplina. Para os que estão em Cristo Jesus, já não há "*nenhuma condenação*"(Romanos 8.1), mas há disciplina!(Hebreus 12.5-8)

## “Isto é o Meu Corpo” – “Isto é o Meu Sangue”

Os evangélicos temos rejeitado, através dos tempos, não somente a doutrina da *transubstanciação* católica romana (presença real de Cristo na Ceia pela transformação dos elementos pão e vinho no Seu corpo e sangue) como também a da *consustanciação luterana* (presença real de Cristo na Ceia, pela união de Cristo com os elementos pão e vinho), por entendermos que tanto uma como a outra, embora amparadas por bem elaborados argumentos filosóficos, carecem de fundamento bíblico e, o que é pior, induzem à idolatria.

A Igreja Católica Romana afirma: “*No santíssimo sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo*”. Afirma, também: “*A presença real de Cristo resulta da singular conversão de toda a substância do pão no corpo e de toda a substância do vinho no sangue, ainda que permaneçam as espécies de pão e de vinho. A esta conversão a Igreja católica chama com propriedade transubstanciação.*”

A encíclica *Mysterium Fidei*, de 03 de setembro de 1965, assinada por Paulo VI traz novas interpretações. As categorias e a linguagem de tridentina marcadas pela teologia escolástica, já se tornaram irrelevantes para o homem moderno. Nos anos 60 foi de grande notoriedade a preocupação por corresponder à mentalidade moderna, dando chance a chamada ‘crise holandesa’, preocupação esta que aflorou de modo muito forte nos Países Baixos. Os teólogos católicos continuaram defendendo que a eucaristia é um evento de salvação em favor dos homens, mas o importante, naquele momento, era “*o novo significado e a nova finalidade*”. Do pão e do vinho depois da consagração. “**Transfinalização e transignificação**” seriam para os tempos modernos bem mais adequados para traduzir a assim chamada “**transubstanciação**”.

A encíclica “***Mysterium Fidei***” veio trazer a modo de confissão da fé católica algo importante com toque suave na mudança da teologia escolástica, cujos tópicos, a seguir, são de fundamental importância:

“*Deve-se continuar mantendo a linguagem tradicional da Igreja (católica romana) sobre a presença real eucarística e a conversão. As fórmulas podem ser investigadas e explicadas, mas nunca em sentido diferente ao que foram propostas*” *Há presença real de Cristo na Igreja (católica romana), mas a presença de eucarística é ‘substancial’: ‘Cristo inteiro, Deus e homem, se faz presente’.* Não se reduz à presença “*espiritual*” de Cristo glorificado que existe no cosmos, nem a um sinal da intervenção de Cristo em favor de seus fiéis. Sobre as *novas interpretações*, “*Com a transubstanciação, as espécies de pão e de vinho revestem novo significado e têm um novo fim; mas esse novo fim e esse novo significado supõem uma nova realidade ontológica* . *Porque há transubstanciação, também há*

***transignificação e transfinalização*** "O que podemos observar é que os tratados teológicos romanistas, numa tentativa desesperada para explicar o não explicável, cada vez mais penetram numa emaranhado de opiniões ocas e sem sentido resultantes da ilógico proveniente da interpretação literal das palavras de Jesus ao instituir a Ceia Memorial. O teólogo católico-romano Jesús Espeja, bastante respeitado no meio do catolicismo romano, assim afirma: "Os termos '**transsubstanciação**' e '**transfinalização**' (ou '**transignificação**') **devem ser usados com reserva**. O primeiro, porque "*substancia*" as *ciências positivas* já não tem o significado que teve na filosofia grega que serviu de base à teologia escolástica, comum aos padres conciliares de Trento. A "**transfinalização**" (ou "**transignificação**") **corre o perigo de ser imprecisa para expressar o realismo da presença.**"

Por outro lado, muitos grupos evangélicos têm para com os elementos da Ceia do Senhor ("*santa ceia*", para eles) uma *devoção* igual á que os católicos-romanos têm para com a hóstia consagrada. Um verdadeiro culto de "**latria**" (culto de adoração suprema a Deus e à hóstia consagrada).

A Igreja Católica Romana nos assegura que após a oração consecratória sobre o pão e o vinho, são transformados em alguma coisa diferente: *corpo* e *sangue*. Entretanto, a linguagem empregada nos textos de Mateus 26.26-29; Marcos 14.22-24; Lucas 22.19-20 e I Coríntios 11.23-26 **não conduz a esta conclusão!** O que podemos perceber é que era **ação de graças e louvor rendidos a Deus**, exatamente como o Senhor Jesus fez, quando alimentou a multidão, dando graças pelos pães e pelos peixes (João 6.11).

O que nos chama à atenção são as palavras de Jesus **depois** da ação de graças: **Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue, o sangue da aliança**". Como poderia Jesus dizer que em Suas mãos estavam o seu próprio corpo e o Seu próprio sangue, quando Ele **ainda** estava **vivo no meio dos discípulos**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera da bendita Virgem Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Portanto, a assim chamada "**transsubstanciação**" (ultimamente travestida de "**transfinalização**" ou "**transignificação**"), fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! O católico-romano não procura a razão lógica da sua fé, crê em tudo que os seus teólogos lhe enfia garganta abaixo, pois se "*Roma locuta, causa finita*", aceita-se tudo sem contestação, daí o significado da palavra "**fiel**" que o católico-romano recebe!

Outro fato muito interessante para o qual devemos lançar nossos olhares, é o fato de Jesus, após ter abençoado o vinho, o tenha chamado de "*o fruto da videira*"! (Mateus 26.29; Marcos 14.25; Lucas 22.18). Isso demonstra de forma cristalina que a **substância** do vinho **não havia mudado!** E o apóstolo Paulo age do mesmo modo, quando chama os elementos da Ceia do Senhor de pão e de vinho! ( I Coríntios 11.26). As narrativas da instituição da Ceia do Senhor e na Carta de Paulo aos

Coríntios tornam claro, cristalino, que o Senhor Jesus falou em **sentido figurado**, quando disse: “*Este é o cálice da nova aliança no meu sangue...*”(Lucas 22.20b).

E Paulo, escrevendo a sua Primeira Carta aos Coríntios, após 25 anos que Jesus instituiu a Ceia, cita Jesus dizendo: “***Este cálice é o novo testamento*** (ou nova aliança) ***no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes (manducação) este pão e beberdes (potação) este cálice anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha***” (I Coríntios 11.25-26). Notemos que nestas palavras Ele usou uma dupla figura de linguagem. O **cálice** representa o **vinho** e o **vinho** é chamado de **novo testamento** ou **nova aliança**. O cálice não era literalmente a nova aliança, embora definitivamente declarado, como o pão foi declarado ser o Seu corpo. Eles não beberam o cálice literalmente, como também não beberam literalmente a nova aliança! Como é ridículo dizer que eles assim o fizeram! O seu corpo também não foi o pão literal, nem o vinho, seu sangue literal. Depois de dar o vinho aos Seus discípulos Jesus disse: “**Pois vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus**”(Lucas 22.18). Assim o vinho, mesmo que dele Jesus tenha tomado e depois dado aos Seus discípulos, continuou sendo o **fruto da videira**! Nenhuma “**transubstanciação**” ou “**transfinalização**” ou “**transsignificação**” houve na **substância**! E isso aconteceu **depois** da oração de consagração que Jesus fez, quando a Igreja Católica Romana supõe e ensina que aconteceu a alteração, mesmo tendo Jesus e Paulo declarado que os elementos, a substância, **continuam sendo pão e vinho**!

Voltamos a enfatizar que na ocasião em que estas palavras foram ditas, o pão e o vinho **estavam sobre a mesa, DIANTE DELE**, e Ele estava assentado à mesa em Seu corpo, como qualquer pessoa viva! Lembremo-nos que a crucificação **ainda** não havia acontecido! Eles – Jesus e Seus discípulos – comeram a Ceia **antes** da crucificação! Portanto, não podemos fazer algo em **memória de alguém que está presente**, como a Igreja Católica faz, dizendo que Cristo **está presente na missa**! Notemos que ao invés de corpo, sangue, alma e divindade nos elementos, Paulo vê pão e cálice. Se o apóstolo Paulo cresse na presença real, corporal de Cristo sob as aparências do pão e do vinho, com certeza ele não teria dito: “**até que Ele venha**”., pois Jesus já estaria ali presente! O próprio Jesus ao afirmar: “... **fazei isto em memória de Mim**” (Lucas 22.19), teria excluído “*ipso facto*” a **presença**! Esta é a lógica! Da mesma forma se no pão Jesus se tornasse física e corporalmente presente – como afirma a Igreja Católica Romana “... debaixo destas (espécies do pão e do vinho) **está Cristo completo, presente na sua realidade física, mesmo corporalmente...**” evidentemente a Ceia não **em memória**!

A Ceia do Senhor instituída por Jesus não foi um tipo de operação mágica, mas exclusivamente um **memorial**! E com que finalidade? Com o objetivo de convocar todos os cristãos, através dos séculos, a que se lembrassem da crucificação do Senhor Jesus e de todos os benefícios dele proveniente! Um **memorial** não representa

a **realidade**, como no caso de serem o pão e o vinho o Seu verdadeiro corpo e sangue, mas uma coisa totalmente diferente, que serve apenas como lembrança da **coisa real**. É perfeitamente óbvio a qualquer leitor observador inteligente que a Ceia do Senhor foi especialmente instituída como uma simples festa memorial. De maneira alguma, como uma **reencarnação** de Cristo! Segundo a Igreja Católica Romana, aquilo que os sentidos apreendem **depois** da consagração do pão e do vinho, na assim chamada "**transubstanciação**", são os **acidentes**. Ora, quando Jesus transformou a água em vinho, em Caná da Galiléia, as características da água **desapareceram**, porque **a água deixou de existir**, conforme João 2.9-10. Esse episódio é bastante claro à nossa inteligência!

A posição do Luterianismo não difere muito da posição católica-romana. E os próprios luteranos confessam essa realidade: "Nossas igrejas são falsamente acusadas de ter abolido a missa. Porque a missa é ainda retida entre nós e celebrada com grande reverência".

A "**transubstanciação**" católica-romana e a "**consubstanciação**" luterana são, em síntese, a mesma coisa, conforme vemos no "Relatório da Comissão Mista Católico-Luterana sobre a Eucaristia":

◆ *"cristãos católicos e luteranos confessam em comum que a presença eucarística do Senhor Jesus Cristo visa o recebimento do crente, não estando, porém, limitado ao momento do recebimento, e igualmente não dependendo da fé do receptor por mais que ele seja orientada para está";*

◆ *"a discussão ecumênica demonstrou que essas duas posições não mais precisam ser consideradas como contraposições mutuamente excludentes (transubstanciação e consubstanciação). A tradição luterana consente com a tradição católica na afirmação que os elementos consagrados não continuam sendo simples pão e vinho, mas em virtude da palavra criativa são distribuídas como corpo e sangue";*

◆ *"segundo a doutrina católica, o Senhor proporciona sua presença eucarística para além da realização do sacramento, enquanto persistem as formas de pão e vinho. Correspondentemente, os fiéis são convidados a prestar veneração a este santíssimo sacramento aquele culto de latria que é devido ao Deus verdadeiro"; (...)"também para eles (os luteranos) culto, veneração e adoração são adequados tanto tempo quanto Cristo permanece sacramentalmente presente"*

Ora, para quem adore a Jesus e creia que Ele está, de alguma forma, presente nos elementos da Ceia, a consequência natural será a adoração desses elementos. E é exatamente isso que fazem os católicos, quando adoram Jesus na hóstia consagrada. E é exatamente isso que fazem os luteranos em relação aos elementos



da sua eucaristia, prestando-lhes "culto, veneração e adoração" enquanto, segundo o entendimento luterano, Ele permanece presente nesses elementos.

Alguns grupos evangélicos existentes entre nós têm para com os elementos da Ceia do Senhor (por alguns deles chamada de "santa ceia") um forte sentimento de "latría", de modo que lhes prestam um verdadeiro "culto latrêutico", semelhante ao que o catolicismo romano devota à hóstia consagrada. Em face dessa veneração, as sobras de pão e de vinho 'consagrados' são para eles mantidas intocáveis e ou são ritualisticamente enterradas ou ficam guardadas até que, cobertas de mofo, sejam comidas pelos bichos, quando então, e somente então os vasos onde estiveram depositados podem ser lavados. Mas isso é idolatria! E idolatria que se vem infiltrando no seio da comunidade evangélica! E aqueles que hão de dar contas do rebanho permanecem indiferentes! O culto aos elementos da Ceia, qualquer que seja a sua forma, é idolatria. Tanto faz estar amparado na teoria da transubstanciação como na tese da consubstanciação, ou simplesmente escorada na palavra carismática do líder. E os idólatras não têm parte no reino de Deus (I Coríntios 6.10). É por isso que o texto de I Coríntios referente à Ceia do Senhor começa com esta advertência: "Portanto, meus amados, fugi da idolatria". (10.14).

O texto de João 6.33-63, mormente os versículos 33-58, que o catolicismo romano e as seitas católicas utilizam como pretensa base bíblica para a tese da transubstanciação ou da consubstanciação, não se refere à Ceia do Senhor, mas à conversão pela fé em Jesus. Os teólogos católicos-romanos, como é do seu hábito, transgridem na norma primacial da compreensão da Bíblia Sagrada ou de qualquer obra literária: a de interpretar o texto pelo contexto. Isolam parte do texto do discurso de Jesus feito na sinagoga de Cafarnaum e dão uma interpretação literal às palavras de Jesus, mas, se fossem honestos, deveriam adotar o mesmo critério em todo o discurso, pois várias vezes Jesus usou a expressão pão. Ao admitir a literalidade do vocábulo **pão**, certamente Jesus teria descido do céu na forma material, isto é, em forma de pão! E quem comesse literalmente desse pão viveria para sempre. Por que não se há de ser lógico, admitindo-se igual sentido figurado quanto aos vocábulos carne e bebidas?

Este texto tem sido utilizado para justificar a tese pagã-católico-romana de que, para ter a vida eterna, o pecador tem de **comer** (manducação) de Cristo no pão da ceia e **beber** (potação) o sangue de Cristo no vinho da Ceia. Comer e beber carne e sangue humano é coisa repulsiva e abominável a Deus, e também a qualquer pessoa mentalmente sã, especialmente aos judeus. Essa prática é contrária às Escrituras e ao senso comum.(Levítico 17.10; Deuteronômio 12.16). Na lei judaica havia severa penalidade contra quem comesse sangue.

Comer a carne e beber o sangue de Jesus é vir a Ele, é crer nEle! Ele próprio o disse: "**Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crer em Mim tem a vida eterna**"(v. 47). Comparem-se os versículos 40 e 54. A mensagem é a mesma, sendo que, no verso 54, a mensagem do verso 40 é repetida de maneira figurada.



Mas mente carnal é apegada à realidade física e incapaz de perceber a realidade espiritual. Quer ver e apalpar para crer. Precisa mastigar (**manducação**) e engolir (**potação**). O Deus Espírito não lhe basta! Precisa de um deus físico, material, palpável, mastigável até!

O mais impressionante é que quando Jesus quis falar aos Seus discípulos sobre assuntos importantes, isolou-Se com eles (Mateus 10.1-42; 18.1-35 dentre outras). Havia uma diferença enorme entre Jesus ensinar aos Seus discípulos e pregar às turbas (Mateus 11.7). Ao povo Ele pregava a Palavra, comparando-a a semente, para que se convertesse e aos Seus discípulos favorecia explicações bastante pormenorizadas que os preparassem para bem melhor servi-Lo (Mateus 13.10-23).

Outro detalhe importante, é que no Evangelho de João a Ceia do Senhor não é mencionada nesta passagem e nem está em seu contexto e nem em todo o Evangelho segundo João a ela se refere, pois se houvesse algum vínculo com o sermão na sinagoga de Cafarnaum com a Ceia do Senhor, certamente João teria mencionado, pois João dos quatro evangelistas o mais meticoloso, mas ele não alude nada! É o único evangelista que não menciona nada, absolutamente nada, a respeito da instituição da Ceia por Jesus!

Portanto, comer a carne de Cristo e beber o Seu sangue é crer nEle! O “**comer**” e “**beber**” são figuras do crer. Quem crê no Senhor Jesus torna-se um com Ele, pois Paulo escreveu: “***Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele***”(I Coríntios 6.17). Faz-se habitação do Espírito de Cristo (Romanos 8.9-11). Cristo está em nós porque nEle temos crido!

O grande mistério de Deus, que esteve oculto dos séculos e das gerações, é realmente Cristo em nós, “***a esperança da glória***”(Colossenses 1.26-27). Mas não O recebemos ingerindo-O em forma de pão de farinha de trigo e vinho. Ou “***ainda não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre, e é lançado fora?***” (Mateus 15.17). Nós, os crentes, não praticamos a **teofagia**!

Portanto, a interpretação do texto de João 6 como referente à Ceia do Senhor, absolutamente contraria aos princípios da hermenêutica sadia, tem como objetivo apresentar um texto bíblico de defesa da tese pagã sacramentalista, da qual depende a força e importância do clero católico-romano.

A tese sacramentalista reivindica que a graça de Deus seria transmitida aos homens através dos ‘*sacramentos*’, que seriam os *instrumentos necessários* dessa transmissão. Assim é que o pecador, para receber a graça de Deus, ficaria na dependência dos *ministros dos sacramentos*, que ficariam sendo, na realidade, a instância nessa questão. Mesmo quando alguém argumentasse que, segundo as Escrituras, somos salvos pela graça, por meio da fé, eles retrucariam, dizendo: ‘É pela graça, sim, mas para receber a graça, você precisa dos sacramentos, e como quem

tem os sacramentos somos nós, você precisa mesmo é de nós, ministros dos sacramentos'!

Que Deus nos livre de tais heresias!

Pr. José **BARBOSA** de Sena **NETO**

Fortaleza – CE